

## PREÂMBULO

### PREOCUPAÇÃO COM A MEMÓRIA E HISTÓRIA

Por que a preocupação com a memória local e regional? E por que não também com a nacional e mundial? Será “coisa de desocupado” como alguém nos mencionou?

Sabemos que a mente humana é falível, passível de esquecimentos, omissões, manipulações. As coisas do dia a dia, os fatos, à nossa volta, se transfiguram; quadros e paisagens, sejam familiares ou coletivos, são fugazes, se alteram. Esquece-se rapidamente. Chega-se a desconhecer a si mesmo, nossas raízes e matizes.

Há, pois, que documentar, fixar pela palavra e imagem a nossa trajetória, estruturar a história local-regional, perenizá-la em livros, obras de arte, recriá-la, sempre, inclusive em acervos virtuais. Não só, contudo, o que está prescrito ou assentado em códices, textos devem ser prestigiados. Há, igualmente, o relatado oralmente, de geração a geração – lendas, ditos, tradições, anedotário, folclore – que formam a psicologia social, o ethos, o modus pensandi, de um povo, de uma época. E com que alma lírica, calor humano, poesia, filosofia, drama!

Através da história, descortina-se, revive-se a marcha civilizadora, inexorável que impulsiona o progresso, permitindo-nos a todos, coevos e porvindouros, emprestar tributo àqueles pioneiros e marujos que, no passado, lutaram, sonharam, ergueram, a partir do rude solo, dentre o oceano do tempo, o panorama, o cenário, ainda que imperfeitos, do qual hoje desfrutamos.

Nenhum de nós pode fugir, individual ou coletivamente, de nossa história. Pode-se até tentar mantê-la num segundo plano. Somos, porém, os artífices da própria obra e processo evolutivos. Somos sintonizadores de visões, sons, pressentimentos, imagens, ideias, sentimentos que nos perpassam a cada instante, com a velocidade do raio. Há montanhas a serem escaladas e franqueadas; há mestres a serem buscados; ilusões a serem superadas; verdades, pepitas afloradas. O presente é uma representação exata, projetada do passado, da mesma forma que o futuro será a projeção do presente, tal qual o edificamos hoje.

“Considerar que se pode ter acesso ao passado implica pensar que, além das variações, das mudanças e das rupturas entre a cultura de hoje e a cultura de ontem, existe algo entre elas, portanto, uma humanidade comum” (François Dosse).

Muito a se fazer em prol da pesquisa memorialística e histórica de nosso meio e que temos certeza, será despertada em novos pesquisadores e desbravadores do conhecimento – o encaixe aos roteiros de primeiros moradores e colonizadores da região, genealogias de antigas famílias, estudos de topônimos, aspectos sociológicos, econômicos, ambientais, enfim uma lavra considerável a ser trabalhada. E decerto com melhores recursos tecnológicos, maiores facilidades a acervos (hoje inacessíveis), maior conscientização da sociedade, empresas, instituições educacionais e de pesquisa e do Poder Público quanto à imperiosa necessidade de reconhecimento de nossa história.

“Desde a escola primária, convém ensinar à juventude mineira a se interessar pelos negócios de seu cantão, de seu burgo, de sua aldeia ou cidade; daí, do perfeito conhecimento de seu município é que o pequeno cidadão irá evoluindo o próprio espírito e a inteligência, para melhor conhecer e amar a Pátria Grande, que é o Brasil” (Nélson de Sena, historiador).

## AO PÉ DA FOGUEIRA A TELA FURADA – DEFENDENDO O ARTISTA

O Cine Odeon<sup>(1)</sup> - tradicional estabelecimento de projeção cinematográfica de nossa cidade, no passado - exibia ai pelos meados da década de 1960, o filme “O Dólar Furado”, um clássico do gênero faroeste, atraindo, como ocorria em todos os lugares, grande público. Plenário lotado, expectativa geral, passando o operador, Chico do Maceca, a projetar o filme na ampla tela.

Um dos mais assíduos frequentadores do Cine era o João do Carmindo, peculiar morador da cidade, apelidado por muitos por “Piçarra”<sup>(2)</sup> Ferreiro, profissão herdada da família<sup>(3)</sup>, gostava de uma boa birita, frequentando regularmente os bares, participando de rodas de bate papo pelas esquinas e praças. De cor morena azinabrada, magro, a pele do rosto vincada por sulcos e estrias, tinha – para melhor compreensão de nossos leitores de hoje - a aparência e o porte aproximados do ator Ramon Valdez, que faz o papel de “Seu Madruga” no seriado mexicano “Chaves”. Outra peculiaridade de João era sua imensa mão, que chegava a formar um palmo de uns 25 cm de comprimento. Gabava-se de possuir armas de fogo, algumas delas por ele mesmo fabricadas ou adaptadas, assim dizia, inclusive uma bereta de dois canos. João viria a se mudar de São Tiago, aí pelo final da década de 1960, passando a residir, no Estado do Rio de Janeiro.<sup>(4)</sup>

“Dólar Furado” foi uma coprodução italo-francesa, de 1965, tendo como astro principal, Giuliano Gemma, que representava, no filme, o Capitão Gary O’Hara, que, após anos no front, durante a Guerra Civil Americana, retorna ao lar, sem saber que, nesse período, seu irmão transformara-se no perigoso e infame pistoleiro “Black Jack”. O Capitão Gary O’Hara, a pedido de autoridades e empresários, vítimas dos assaltos perpetrados pelo bandoleiro, concorda em fazer uma emboscada para matar “Black Jack”. Somente ai o Cap. O’Hara descobre quem é o temível “fora da lei”. Em famosa cena, na iminência de ser atingido e morto, o Capitão O’Hara é salvo - daí o título do filme - pois a bala, desferida contra ele, acerta uma pesada moeda de dólar que tinha no bolso.

Entre nós, durante a exibição do filme, no auge da cena, o Capitão O’Hara, na iminência de ser morto, teria a vida salva, além da moeda, pela “ajuda” do João do Carmindo, que, aos gritos frenéticos de “Não mata, não!” “Eu não deixo!...”, a bereta, por ele, convulsivamente, acionada no interior do cinema, cujos tiros, em meio às dezenas de perplexos espectadores, viriam a alcançar a tela e a parede do prédio... E felizmente, não atingindo ninguém...

### NOTAS

(1) O Cine Odeon exibiu, ao longo de sua história, grandes clássicos do cinema como “Ben Hur”, “E o vento levou...”, “As sandálias do pescador”, série de filmes de Tarzan, Os Três Patetas, chanchadas nacionais com Oscarito, Grande Otelo, O Gordo e o Magro. Alguns dos filmes eram aqui projetados na mesma época de seu lançamento.

Sobre o Cine Odeon, ver matéria em nosso boletim nº XXXV - agosto/2010.

(2) O dicionário registra os seguintes sentidos para o termo “piçarra”: terra misturada com areia e pedra; saibro; pedra em decomposição ou em fragmentos; rocha sedimentar argilosa estratificada e endurecida; xisto argiloso. Segundo os etimólogos, a palavra vem do espanhol “pizarra”, oriunda do basco “pizarri” (pedra fendida) “Pizatu” (fenda) + “arri” (pedra)

(3) Sobre o sr. Carmindo José dos Santos e sua famosa oficina de ferreiro, ver matéria em nosso boletim nº XLVIII - setembro/2011. Do casamento do sr. Carmindo com a sra. Maria Isaura (era ela irmã do sr. Tião Dimas), tiveram os filhos João, Nenega (casada com o sr. José Brulino) e José “Bezorro” (falecido precocemente)

(4) O sr. Geraldo da Silva Morais (Negrinho), segundo nos informou, quando trabalhou no Rio de Janeiro, pelo ano de 1972, em companhia do sr. Pedro Boné, encontraram-se, casualmente, com o sr. João do Carmindo num bar na “Barra da Tijuca”. João informou-lhes que trabalhava na construção civil, confidenciando-lhes, ademais, que fora vítima da tentativa de assassinato, tendo escapado, embora levasse uma bala no braço, exibindo-lhes a cicatriz. (tinha chegado até São Tiago, algum tempo atrás, a informação de que João fora morto num assalto)



# ADIVINHAS

- 1- Com quem o Senhor Alfinete é casado?
- 2- Qual a primeira coisa que os homens fazem quando acordam?
- 3- Qual o único amigo que nós não conhecemos?
- 4- O que faz a princesinha alienada, ao se ver prejudicada?

Respostas: 1- Com a Srª Das Dores; 2- Acordam; 3- Amigo Oculto; 4- Cai na real

## Provérbios e Adágios

- Diz o povo com razão  
Com água e fogo não se brinca  
Somados ao coração  
Dos diabos eis a trinca
- Perda e ganho não escolhem tamanho (provérbio russo)
- “Não levante a pedra até ter a certeza de que ela não lhe cairá sobre os pés” (Provérbio chinês)

### Para refletir:

- Quando me ordenas cantar, parece que o meu coração vai arrebentar-se de orgulho” (Tagore)
- “O arqueiro ama a flecha que voa e assim também o arco que permanece estático” (Khalil Gibran)
- “Não tentes decifrar o amplo segredo das forças silenciosas” (Carlos Drummond de Andrade)
- “As pátrias extinguem-se quando se perde a memória do passado” (Alexandre Herculano)
- O coração precisa estar em cada patamar da vida predisposto à despedida e a novo início para, na coragem e sem pesar, entregar-se a outras ligações. E, em todo começo, reside uma magia que nos protege e nos ajuda a viver. O Espírito Universal não nos quer prender e limitar; quer erguer-nos degrau a degrau, quer nos ampliar (Hermann Hesse)

## EXPEDIENTE

### QUEM SOMOS:

O boletim é uma iniciativa independente, voluntária, necessitando de apoio de todos os São-Tiaguenses, amigos de São Tiago e pessoas comprometidas com o processo e desenvolvimento de nossa região. Contribua conosco, pois somos a soma de todos os esforços e estamos contando com o seu.

Comissão/Redação: Adriana de Paula Sampaio Martins, Elisa Cibele Coelho, João Pinto de Oliveira, Paulo Melo.

Coordenação: Ana Clara de Paula

Revisão: Heloisa Helena V. Reis Oliveira.

Colaboração: Marcus Antônio Santiago; Instituto hist. Geográfico de São Tiago.

Apoio: Renata Aparecida de Paula Serpa

E-mail: credivertentes@sicoobcredivertentes.com.br

COMO FALAR CONOSCO:

BANCO DE DADOS CULTURAIS/INSTITUTO SÃO TIAGO APÓSTOLO

Rua São José, nº 461/A - Centro

São Tiago/MG - CEP: 36.350-000

Celular: (32) 9 9912-2254 (horário comercial)

Falar com Renata Aparecida de Paula Serpa

Realização:



Patrocínio:



Apoio Cultural:



## NOTAS

Prezada Ermínia

Li, com prazer, sua crônica sobre o tinteiro que “não entornava”. Peço vênia para surpreendê-la, bem como a todos os estudantes de seu tempo de escola. verdade é que, conforme livro do prof. Sebastião Oliveira Cintra GALERIA DAS PERSONALIDADES NOTÁVEIS DE SÃO JOÃO D’EL REY, pág.174, ipsis literis: “Dr. José das Chagas Viegas nasceu em S.Tiago, a 23/07/1887, filho do são-Joanense Antônio Xavier das Chagas Viegas e de Maria Cristina Santiago Viegas (falecida viúva em 12/03/1908) [...] dedicou-se às atividades comerciais, inventando o TINTEIRO ECONÔMICO, que se tornou conhecido em vários Estados brasileiros. Não entornava a tinta, não sujava as mãos, podia ser levado nas pastas escolares e era de preço módico. Começou a ser fabricado de alumínio, passando depois a ser de folhas de flandres”. O odontólogo e teatrólogo José Viegas era irmão do dep. Augusto Viegas e do prefeito Antônio Viegas ( por 2 vezes aqui) . Fundou Revista teatral e trouxe a S. João companhias teatrais como as de Procópio Ferreira, Margarida Sper, Palmerim Silva, Nino Melo, Vicente Celestino ( onde meu tio Agenor foi o solista de violino), Eva Tudor e outras. É patrono da cadeira 29 da Academia de Letras de São João del-Rei, da qual sou o presidente.

Tenho um exemplar da obra e envio fotos para seu conhecimento e de todos do belo jornal que tem maravilhosa crônica de sua memória escolar.

Abraços fraternos de

Wainer Avila - presidente da Academia de Letras de São João del Rei.

Em Segunda-feira, 5 de Outubro de 2015 12:48, Wainer Avila <wainer.avila@yahoo.com.br> escreveu:

Prezadas Cairu e Maria.

Tenho o prazer e a honra de convidar para receber a Comenda Libertas et Civitas, (criada para homenagear instituições importantes, no Brasil e no exterior, que valorizem o herói máximo na nacionalidade alferes Tiradentes) o valoroso e atuante IHG de São Tiago. Criei o Instituto da Liberdade Joaquim José da Silva Xavier (o Tiradentes) e a Comenda Liberdade e Cidadania. A Medalha é ofertada pelos municípios de São João d’El-Rey, Ritópolis e Tiradentes. A cada ano um deles assume a direção dos trabalhos porém a Medalha pertence às três cidades. Este ano a organizadora é a prefeitura de Tiradentes e a Comenda é ofertada no Pombal. O Pombal ficava em São João, onde foi batizado o herói em 12 de novembro de 1746, porém com a emancipação de Santa Rita do Rio Abaixo (hoje Ritópolis) o sítio histórico pertence àquele município e a propósito fundei em Ritópolis o IHG. Desta forma é desejo do Instituto da Liberdade ter o Instituto Histórico de São Tiago como agraciado este ano e, se aceitarem, nossa chancelaria fará contacto oficial com vocês, em especial a cerimonialista Jovi Hallak, do Paládio da Liberdade.

Especialmente

Wainer Ávila -Presidente do Instituto da Liberdade Joaquim José, o Tiradentes; da Academia de Letras de São João del Rei, da Academia de Letras Jurídicas de São João del Rei e Tiradentes e do Instituto de Estudos e Pesquisas Nhá Chica de Rio das Mortes.



# LOTEAMENTOS

## Meio Ambiente e Lei Orgânica Municipal

Segundo a Lei Orgânica Municipal (São Tiago), em seu art. 186 “Todos tem direito ao meio ambiente ecologicamente equilibrado, bem de uso do povo e essencial à qualidade de vida, impondo-se ao poder público e à coletividade o dever de protegê-lo e preservá-lo para a presente e para as futuras gerações”

São discriminadas, no mencionado artigo, as várias atribuições do Município, no tocante às políticas públicas de preservação ambiental e combate à poluição. Vejamos o inciso III – “Exigir, na forma da lei, para instalações de obras ou atividade potencialmente causadora de significativa degradação do meio ambiente, estudo prévio de impacto ambiental, a que se dará publicidade” Neste quesito, obviamente, enquadram-se os loteamentos, abertura de vias públicas e mesmo edificações que possam provocar transtornos à paisagem, meio ambiente etc.

Artigo 187 – “Fica proibido no território do Município: II – o corte de matas ciliares; III – o desmatamento de nascentes”

Procuremos entender o que se passa, em nosso meio: Loteamentos são autorizados (ou tolerados) sem a reserva de área verde obrigatória por lei (área livre e disponível para jardins, parques etc. Ou seja, nós, moradores do novo bairro, nossas crianças, as gerações do amanhã não teremos ar adequado, local para lazer, pontos de estacionamento de veículos...). Fala-se em loteamentos com ruas com espaçamento/largura de 7 metros. Será para o trânsito de carrapatos?! (pois nem para passagem de gado servirão); nascentes são degradadas e também loteadas, na nossa cara, a olhos vistos; matas ciliares não recompostas, pior, desfiguradas...

**ATENÇÃO AUTORIDADES!** – Artigo 186, inciso VI, da Lei Orgânica Municipal: & 2º - “Os agentes públicos respondem pessoalmente pela atitude comissiva ou omissiva que descumpra os preceitos estabelecidos”

& 3º - “Os cidadãos e as associações podem exigir, em juízo ou administrativamente, a cessação das causas de violação do dispositivo neste artigo, juntamente com o pedido de reparação do dano ao patrimônio e da aplicação das demais sanções previstas”.

Artigo 194 – “A conduta e as atividades consideradas lesivas ao meio ambiente sujeitarão o infrator pessoa jurídica ou física, às sanções penais e administrativas, sem prejuízo da obrigação de reparar o dano e das cominações penais cabíveis”.

Artigo 195 – “É obrigação das instituições do poder municipal, informar o Ministério Público sobre a ocorrência de conduta ou atividade considerada lesiva ao meio ambiente”.

O assunto, na verdade, passa a ser cômico, para não dizer trágico. Continuemos. Segundo o artigo 188 da LOM “O Município deverá promover cobertura vegetal com espécies ornamentais, rasteiras e arbóreas das margens dos cursos de água que cortam o perímetro urbano do Município”.

**Perguntamos:** O município sabe, já cadastrou, alguma vez, as nascentes, veredas, cursos de água no perímetro urbano da cidade? Alguém, a começar pelas autoridades competentes, já se preocuparam com assunto tão sério, tão vital para a comunidade? Agora, convenhamos, limpar, preservar, arborizar, urbanizar como manda a lei, já é demais... Pobre lei!!! Pobres de nós, moradores e cidadãos contribuintes...

Quanto aos nomes (denominações) dos cursos d’água, situados no perímetro urbano, é possível que não sejam sequer bem conhecidos (cadastramento com fotos, referências históricas, mapas etc.) Olhemos, por exemplo, a situação do leito do Córrego Catimbau, praticamente no centro da cidade; e ainda das nascentes do córrego do Mateus, na Várzea (nestes dois locais há loteamentos...) Um mimo, não?! Estão todos limpos, arborizados, encantadores, tudo no figurino como manda a Lei Orgânica e a Legislação ambiental em vigor...Rrrrrr....

Onde, ademais, as promessas – já de várias administrações - de que as antigas fontes, minas d’água no perímetro urbano (Chafariz, Fonte do Buraco, Fontinha etc.) seriam urbanizadas, ajardinadas??? Projetos que angariariam, sem dúvida, mais pontos para o ICMS turístico, cultural do Município (que, aliás, dizem, o município vem perdendo...)

O inusitado, senão grotesco, não fica(m) por aqui. Vejamos o art. 197 – “Ficarão sob a guarda do município todas as matas e árvores nativas nele existentes, bem como toda a fauna e a flora, cuja preservação interessa como meio de se garantir um ambiente sadio e condizente com os anseios da coletividade”

Ao que parece, enfim, pouca ou nenhuma iniciativa é adotada no sentido de cadastrar, proteger e arborizar nascentes e cursos d’água no perímetro urbano. É melhor, na visão capitalista, mercantilista, patrimonialista que rege o Estado e parte da sociedade, sequer ter/manter tal cadastro. Fica mais fácil entupir as nascentes, lotear, mais dinheiro no bolso, em sua maior parte para fora da cidade, não?! Assunto de suprema importância, de sobrevivência para todos nós, porquanto a COPASA capta água no entorno da cidade para abastecimento urbano. A população aumenta, bem como o parque industrial local, exigindo, cada vez mais, água, saneamento, qualidade de vida.

Há tempos, a própria Prefeitura promoveu o abate de magnólias que circundavam e compunham o entorno (adro) da Igreja Matriz. A última delas, de forma ignóbil, na calada da noite de 17/03/1987. Posteriormente, dia 04/11/1991, uma outra árvore de grande porte, uma figueira, foi derrubada no local “Várzea” (hoje Bairro “Barro Preto”, sob intensos protestos dos moradores, à época, tendo a autoridade municipal se utilizado acintosamente de policiais armados com escopetas e dirigindo um trator, lançando o mesmo sobre o grupo de populares que protestavam contra a arbitrariedade. Por pouco, uma grande tragédia... Pois é assim que o Poder Público, historicamente, trata o povo, a memória, o meio ambiente...



### LAVAR A ÉGUA

A expressão “lavar a égua”, muito comum na Mantiqueira e Zona da Mata mineira, tem o sentido de “se dar bem”, “ter bons resultados, lucros ou vantagens num negócio”. Segundo estudiosos, teve início na região das minas, aí pelo século XVIII, durante a exploração do ouro. Os donos dos garimpos juntavam as pepitas e o ouro em pó, utilizando-se de cavalos para o seu transporte até o destino (fundição real, porto, etc.). Os escravos pegavam quantidades de ouro em pó e as esfregavam, as aderiam no pelo do animal. Na hora de descarregar a carga, eles lavavam a égua e pegavam o ouro roubado do dono do garimpo.

Outra versão - Para o Prof. Ari Riboldi em seu livro “O bode expiatório”, a expressão teria surgido no turfe, como um gesto de gratidão do proprietário da égua quando esta vencia um páreo. A égua vitoriosa recebia do próprio dono um banho de champanha, como forma de agradecimento pelo lucro conseguido em esporte tão apreciado por reis, nobres e miliardários. O banho era, porém, privilégio das fêmeas. Os machos vencedores simplesmente voltavam para a cocheira, após cumprida sua obrigação.

# ACERVO DE MÚSICA SACRA DA BANDA LIRA IMACULADA CONCEIÇÃO



A Lira Imaculada Conceição é detentora de um rico acervo musical que guarda obras de diversos gêneros musicais, as quais possuem grande valor histórico para a compreensão da prática musical que permeou o município de São Tiago desde o início do século XX. Neste repertório encontram-se dobrados, marchas, arranjos variados e obras sacras, sendo que o repertório sacro pode ser considerado o mais significativo em termos de informações e o que tem potencial para gerar maiores indagações para a condução de pesquisas futuras.

Este material foi recentemente alvo de investigações realizadas por Tássio Resende, através de uma pesquisa intitulada como Acervo de Música Sacra da Banda Lira Imaculada Conceição: Origem e Emprego, realizada sob orientação do Prof. Dr. Edilson Rocha, do Departamento de Música da Universidade Federal de São João del-Rei. Os próximos parágrafos deste texto são uma amostra desta pesquisa e, para quem interessar, o trabalho pode ser visualizado na íntegra através do link: [https://www.intranet2.ufsj.edu.br/cpc/anais/arquivos\\_download\\_tc\\_portal.php?id=1216](https://www.intranet2.ufsj.edu.br/cpc/anais/arquivos_download_tc_portal.php?id=1216).

A procedência destes papéis está relacionada aos maestros e músicos que passaram por São Tiago, e para tornar claro sobre a origem e consolidação deste acervo, é apresentada a seguir uma breve biografia dos principais personagens que, de forma direta ou indireta, contribuíram para a vinda destes documentos que hoje estão sob a tutela da banda.

Os nomes, a seguir, foram coletados nos registros de algumas obras do repertório sacro, e foram comentados por testemunhas que forneceram informações sobre os mesmos. Tais pessoas podem ser classificadas como “copistas principais”, já que foram elas, aquelas que realizaram maior número de cópias ou cuja ação teve maior influência nos destinos musicais de São Tiago. Outros copistas deixaram seus trabalhos no acervo sacro da Lira Imaculada Conceição, mas em menor quantidade. Esses merecem uma pesquisa mais acurada a respeito de suas contribuições, e não será de se estranhar que se descubram, após novos estudos, sua real importância. Vale a pena ressaltar que o termo “principais copistas” aqui empregado não denota nenhum juízo de valor, ligado apenas a um dado quantitativo.



## ANTÔNIO EVANGELISTA TEIXEIRA

Antônio Evangelista Teixeira era natural de Conceição da Barra de Minas, nasceu no ano de 1908 e faleceu em 1975, aos 67 anos de idade. Trabalhou com mineração e extração de ouro em São João del-Rei, para onde se mudou e integrou a Orquestra Lira Sanjoanense. Tocava em bailes e serestas, e eventualmente fazia a trilha sonora de espetáculos circenses. De acordo com seus familiares, Antônio Teixeira, depois de aposentado, começou a trabalhar como professor e regente de bandas de música na região, tendo ele atuado em três cidades: Ibituruna, Santa Rita (Ritápolis) e São Tiago (TEIXEIRA, 2015).

Em São Tiago, sua atuação foi aproximadamente de 1968 até 1975, onde deixou uma significativa parcela de cópias. São obras que foram copiadas justamente nas cidades de São João del-Rei,

Ibituruna, Ritápolis e São Tiago, locais onde desenvolveu com maior ênfase suas atividades musicais.

Antônio Evangelista Teixeira era também detentor de manuscritos que foram copiados e assinados por terceiros, em diversas cidades da região. Nos envelopes que guardam estes papéis, se verifica a frase deixada por Teixeira: “Pertence a Antônio Evangelista Teixeira”, o mesmo escrito ainda era acompanhado do nome de seu município e o endereço de sua residência. Segundo sua filha, Marlene Teixeira (2015), pouco tempo após seu falecimento, em 1975, pessoas de São Tiago foram até sua residência em São João del-Rei buscar os papéis de música que a ele pertenceu.

Foi com Antônio Teixeira que a cidade de São Tiago, começou a estabelecer maiores vínculos musicais com os municípios vizinhos de Ritápolis e São João del-Rei, sendo que era costume alguns músicos dessas localidades irem a São Tiago em algumas ocasiões para reforçar a banda quando necessário. Não só os músicos vieram mas também alguns papéis de música copiados por eles, como foi o caso das cópias remanescentes feitas por Ornei de Sousa, oriundo de Ritápolis e Agostinho Matheus de Assis, de São João del-Rei.



## ANYSIO MACHADO DE MORAES

O nome de Anysio Machado de Moraes já não é facilmente lembrado pelos habitantes de São Tiago, certamente por ter falecido há muitas décadas. Todas suas cópias giram em torno dos anos de 1937 a 1938, cujas únicas exceções se referem a uma parte de tenor da Ladainha 2ª de autoria do consagrado compositor São-joanense, Padre José Maria Xavier, realizada no ano de 1925, e uma parte para violino da Missa e Credo da Conceição, copiada em 18 de julho de 1911.

Foi escrivão do cartório da cidade, cargo que mais tarde foi passado a seu filho. Parentes já muito distantes de Anysio o descreveram como um homem inteligente, que tocava piano e escrevia peças para teatro.

Não se sabe ao certo quando Anysio Machado nasceu e faleceu. Sua neta, Dircéia Gaudêncio de Moraes Vivas, que não tem recordações de convívio com o avô, comenta que ele teria falecido em Bom Sucesso (2015), informação essa que ainda precisa ser confirmada. É de se supor que tal fato tenha se dado por volta da década de 1940, já que suas últimas assinaturas nos livros de registros civis no cartório são deste ano. A partir de 1942, as assinaturas passam a ser de seu filho, Sebastião Moraes.



## GUILHERME ALVES DE ANDRADE<sup>1</sup>

Seu nome é pouco conhecido em São Tiago, entretanto, seu apelido, Sr. “Dedé”, ainda é muito lembrado. Tinha como principal instrumento o bombardino, era irmão de Ilydio Andrade (ver em seguida) e sua história se fez nas várias cidades que percorreu durante sua vida. Segundo Antônio de Paula, Guilherme nasceu em Resende Costa, de onde após algum tempo se mudou para São Tiago, mais tarde para Morro do Ferro e por último para Passa Tempo, local em que viveu seus últimos anos (2014). Sua data de nascimento e falecimento é ainda desconhecida.

Em São Tiago, Guilherme Andrade foi regente e professor de música por um pequeno período que ainda é incerto: especula-se que tenha sido em meados da década de 50. Durante o tempo que esteve em São Tiago, possivelmente realizou um ato que lhe confere reconhecimento da população são-tiaguense, já que a ele é dada a autoria do Hino ao Apóstolo São Tiago.

No acervo da Lira Imaculada Conceição não existem cópias deste hino indicando sua autoria exata, nem tampouco data das cópias. O ex-músico Bento de Almeida se recorda de Guilherme já com idade avançada, e conta a história do Hino ao Apóstolo São Tiago. Segundo ele, as partes deste hino foram trazidas não se sabe de onde pelo Monsenhor Francisco Elói de Oliveira, porém a melodia original estava escrita em fórmula de compasso composto 12/8, fato que fez com que a banda da época encontrasse muitas dificuldades para executá-lo. Sendo assim, o Monsenhor mandou as partes para Guilherme Andrade, que ficou encarregado de fazer adaptações que viessem facilitar a leitura e execução, tornando-as então acessíveis às condições dos músicos da época. Devido a este acontecimento, a autoria foi concedida a Guilherme, que o “compôs” da forma, como hoje ainda se faz, na festa em honra ao padroeiro São Tiago Maior (ALMEIDA NETO, 2014).

*1-Há controvérsias sobre seu nome. Alguns dizem ter sido seu nome Guilherme Vieira de Andrade, enquanto outras pessoas acreditam que ele teve o mesmo nome do pai, Guilherme Alves de Andrade, o qual foi professor em São Tiago e região, e também participou da primeira comissão da construção da atual Igreja Matriz de São Tiago, em 1902, obra concluída somente em 1922 (ANTÔNIO SANTIAGO, 2011).*



## ILYDIO VIEIRA DE ANDRADE

Ilydio Vieira de Andrade nasceu em Prados (MG) no ano de 1885, e faleceu em 1972 aos 87 anos, em Morro do Ferro. Com apenas três meses de idade mudou-se para São Tiago junto com os pais. Já na adolescência, mudou-se para Resende Costa, onde se casou e constituiu família. Teve passagens por Coronel Xavier Chaves e mais tarde se estabeleceu finalmente em Morro do Ferro. Segundo Zélia Guglielmelli, filha de um segundo casamento, Ilydio Andrade foi compositor dos mais variados gêneros musicais, porém os arquivos com os registros de suas obras foram em grande parte perdidos e extraviados ao longo do tempo (GUGLIELMELLI, 2015).

De acordo com músicos mais antigos de São Tiago e de Morro do Ferro, havia no passado um intenso laço entre as bandas dessas localidades, fato que fez com que diversos músicos do distrito vizinho contribuíssem com alguns festejos realizados nessa cidade. Este laço está antes de tudo relacionado ao ex-pároco de São Tiago, o já citado Monsenhor Francisco Elói, que serviu as paróquias de ambas às localidades em períodos muito próximos.

As obras Ladainha de Santa Cecília e Ladainha de Nossa Senhora são de autoria de Ilydio Andrade. Com relação à primeira, constam no acervo cópias feitas por Joaquim Mendes (Joaquim Policarpo) em 1962 e por Moisés de Paula em 1963. Quanto à segunda obra, sem indicação de data, foi copiada pelo próprio autor, cuja caligrafia que designa sua assinatura como autógrafo foi reconhecida pelos parentes mais próximos.



## JOAQUIM ALELUIA MENDES

Nascido em São Tiago na data de 14 de agosto de 1909 e falecido em 16 de setembro de 1962, “Joaquim Policarpo”, como era conhecido, foi irmão de Altino Mendes e Brulino Mendes, músicos que atuaram como cantores e instrumentistas nas antigas bandas da cidade. Segundo relatos, Joaquim Policarpo era exímio bombardinista, tendo ele e seu irmão Altino atuado em algumas épocas como regentes da Lyra Santa Cecília (SANTIAGO, 2014).

No registro da obra Credo de São Bernardo, feito em 04 de abril de 1940, o copista Francisco Zeferino de Sales faz um oferecimento aos irmãos Joaquim e Altino, e se refere a eles como “maitres”, talvez empregando corruptela da palavra de procedência francesa cujo significado original seria “mestres” (SALES, 1940).

No acervo escolhido para este estudo, o nome de Joaquim Mendes aparece nas cópias do Credo de São Tiago em 1960 e da Ladainha de Santa Cecília, de Ilydio Andrade, em 16 de fevereiro de 1962, há exatos sete meses antes de seu falecimento.



## JOAQUIM PINTO LARA

Mais conhecido como Sr. “Quinzinho”, nasceu em 07 de setembro de 1897 na cidade de Conceição da Barra de Minas e faleceu em 28 de junho de 1959 em São João del-Rei. Em sua cidade natal coordenava os ensaios da orquestra Jazz Vesper, além de também dar aulas de violino (RESENDE, 2014). Durante sua vida teve passagens por outras cidades como Santa Bárbara



e Congonhas, mas em São Tiago foi um dos mais conhecidos maestros. O jornal Gazeta de Paraopeba, em sua edição de 23 de janeiro de 1949 traz referências ao maestro Joaquim Pinto Lara na ocasião da emancipação política-administrativa de São Tiago:

[...] de 31 de dezembro para 1º de janeiro de 49, várias bandas de música percorreram as ruas da novel cidade, numa alvorada empolgante ao espoucar (sic) de fogos. [...] Tocavam sempre as 4 bandas musicais – de Passa Tempo, Morro do Ferro, Bom Sucesso e a local. A orquestra foi regida pelo maestro Joaquim Pinto Lara (GAZETA DE PARAPEBA, 1949).

Além de qualidades como professor, instrumentista e regente, Joaquim Pinto Lara também foi compositor. Encontram-se no acervo cinco obras de sua autoria, sendo elas: Credo de São Tiago, Missa São Tiago, Popule Meus, Salutaris e Missa de São Judas Tadeu. Dessas quatro obras, o Credo de São Tiago, Popule Meus e Salutaris possuem a assinatura do autor.

Além dos instrumentos comumente encontrados em bandas de música, Joaquim Pinto Lara utilizou para as suas obras citadas uma instrumentação que difere da história das bandas do município de São Tiago, já que escreveu partes para flauta, violino I e II, violoncelo, além de trompas. De acordo com testemunhas naturais de São Tiago, as únicas pessoas que no passado atuaram junto à banda com violino foram Joaquim Pinto Lara e sua esposa Maria de Vasconcellos, conhecida por muitos como D. Mariquita. Este fato isolado aconteceu por curtos períodos em São Tiago, que foi o suficiente para denominar o grupo de sopros e coro adicionado de dois violinos como “orquestra”. Além do casal violinista, por algumas vezes, duas de suas quatro filhas, fruto deste matrimônio, Terezinha Venina Lara e Branca Maria Lara vinham a São Tiago em épocas de festas mais jubilosas para reforçarem a parte vocal do grupo.



## MOISÉS GERALDO DE PAULA

Sr. Moisés como era conhecido, foi discípulo de Ilydio Vieira de Andrade, e é ainda lembrado como um ótimo “pistonista”, capaz de até mesmo “carregar uma banda no peito!” (ALMEIDA NETO, 2014). Apesar de ter estudado com o regente da Lira Santa Cecília de Morro do Ferro, Moisés de Paula foi músico da banda concorrente, a Lira Batistana, da qual o regente era seu pai.

O vínculo do afamado trompetista com São Tiago começou quando ele vinha junto da Lira Batistana tocar nas festas são-tiaguenses. Algum tempo depois, Moisés passa a ser regente da Lira Batistana, e mais tarde, a convite do Monsenhor Francisco Elói de Oliveira, passa a dar aulas de música e reger a banda em São Tiago. Na ocasião da vinda de Moisés a São Tiago, a Lyra Santa Cecília já se encontrava em decadência, restando somente “alguns músicos parados”, como afirma Antônio Domingos de Paula, filho do maestro Moisés e ex-membro das bandas Lira Batistana e Lira Imaculada Conceição (PAULA, 2014).

Moisés de Paula participou de um dos momentos mais significativos da vida musical de São Tiago, já que esteve presente nos anos em que houve a transição da extinta Lyra Santa Cecília para a atual Lira Imaculada Conceição, cuja consolidação oficial ocorreu em 08 de dezembro de 1963. O período da atuação de Moisés em São Tiago foi de aproximadamente 1962 até 1964.

Além da passagem de Moisés como regente em Morro do Ferro e São Tiago, ele também auxiliou na formação da Lira São Sebastião, do distrito de Jacarandira, pertencente ao município

de Resende Costa e no povoado de São Pedro da Carapuça, em São Tiago, sendo que a banda desta última localidade, Lira de São Pedro, já não existe há algumas décadas.



## JOSÉ RIBEIRO DA SILVA

José Ribeiro da Silva nasceu em Ritópolis a 07 de outubro de 1892. Logo na infância, veio com a família de sua terra natal para São Tiago, mudando-se posteriormente para os municípios de Itapeperica, Passa Tempo e Oliveira. Era irmão do Sr. “Dico”, afamado clarinetista das bandas de música já extintas de São Tiago. Já na terceira idade, Ribeiro Silva retornou a São Tiago, onde faleceu e foi sepultado no dia 26 de julho de 1974.

Não se sabe ao certo quando e como Ribeiro Silva se envolveu com música, porém presume-se que ele tenha sido um dos primeiros, ou até mesmo o primeiro maestro em São Tiago, já que a parte de música sacra mais antiga<sup>2</sup> pertencente ao acervo da Lira Imaculada Conceição, realizada em São Tiago foi feita por ele no dia 09 de abril de 1914. Trata-se da Missa de São José, cuja autoria registrada no manuscrito é dada a Joaquim Ribeiro Magalhães.

De acordo com Jorge Canaan, na primeira metade do séc. XX, o vigário encarregado das atividades eclesiais em São Tiago era o padre José Duque Siqueira, que inspirado na banda já existente em São Tiago, se juntou a fazendeiros e empreendedores locais de Mercês de Água Limpa, distrito de São Tiago, para então fundar uma banda nessa localidade. Nessa ocasião, foi fundada em 1920 a Lira Nossa Senhora das Mercês, tendo como maestro José Ribeiro da Silva (CANAAN, 2015).

A oralidade trata José Ribeiro da Silva não só como músico e regente, mas também como compositor, apesar de que os registros de suas possíveis obras já não existam mais. Ouve-se falar que o corpo de José Ribeiro da Silva foi enterrado junto a seu acervo de partituras. Sendo isso verdade ou lenda, não deixa de ser uma evidência de que José Ribeiro da Silva, durante sua vida teve de fato uma íntima relação com a música.

*2-Vale ressaltar que essa é a parte mais antiga cuja cópia foi feita em São Tiago. Existem partes mais antigas, porém sem indicação do nome da cidade onde a cópia foi realizada, bem como cópias com indicação de outras cidades.*

## OUTROS COPISTAS

Além dos copistas considerados nesta pesquisa como os que mais contribuíram para a vida musical de São Tiago, existem outros nomes na documentação do acervo de música sacra da Lira Imaculada Conceição que merecerão maiores estudos, tais como os já citados Agostinho Matheus de Assis, Ornei de Sousa e Francisco Zeferino de Sales, além de Sgto. Rogério José Silva, José Aristeu de Sousa, Olympio Zeferino da Silva, Marta Cleusa Oliveira, Manoel Delfino Vieira, Secundo de Paula, Antônio Lopes de Assis, Christiano Lopes de Assis, Mário de Carvalho Teixeira, Affonso Nogueira, Gerardo de Assis Moreira, José Alexandre da Silva, Epaminondas José de Oliveira, João Evangelista Bernardes Júnior e Eloy José dos Santos.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Quanto mais se avança no tempo, mais difícil ainda será buscar respostas para as perguntas que ainda nos cercam, o que nos faz refletir na urgência de buscarmos pela nossa história e compreensão do nosso presente. Ao se tratar de um passado musical, nos deparamos ainda com muito descaso para com as pesquisas musicológicas, as quais deveriam aumentar consideravelmente, principalmente em fontes de arquivos ainda não exploradas, como foi o caso do acervo da Lira Imaculada Conceição.

Os manuscritos pertencentes ao acervo permanecem hoje arquivados e à espera de um trabalho de catalogação, o qual pode trazer inúmeros benefícios à entidade detentora dos documentos, como também, pode gerar políticas de preservação aos milhares de papéis que tem se deteriorado ao longo dos anos, por questões relacionadas a condições precárias de ar-

mazenamento. Saliento aqui, a necessidade de uma parceria entre a banda e pessoas ou entidades da comunidade que possam e queiram contribuir para a preservação deste rico patrimônio de São Tiago.

Infelizmente, ao buscar informações acerca do acervo de música da Lira, concluiu-se que muitas das tradições são-tiaguenses foram perdidas, foram enterradas junto às pessoas que mais lutaram para a sua criação. As últimas décadas foram anos de perdas irreparáveis. É preciso unir esforços para que as poucas tradições que ainda restam não acabem, e, quem sabe, até resgatar um pouco do que já se foi feito. As gerações do presente sofrem com a perda de sua identidade, e se tornam um povo que desconhece sua própria origem.

*Tássio Resende, regente da Lira Imaculada Conceição e membro do IHGST.*

## REFERÊNCIAS

- ALMEIDA NETO, Bento. São Tiago, 21 dez. 2014. Arquivo digital mp3 (82 min.). Entrevista concedida a Tássio T. M. Resende.
- ANTÔNIO SANTIAGO, Marcus. A Freguesia de São Tiago: Subsídios para a história da Paróquia São Tiago Maior e Sant'Ana. 1ª Edição, Belo Horizonte: Imprensa Oficial de Minas Gerais, 2011. p. 50.
- CANAAN, Jorge J. Mercês de Água Limpa, 22 abr. 2015. Arquivo digital mp3 (57 min.). Entrevista concedida a Tássio T. M. Resende.
- GAZETA DE PARAPEBA. São Tiago. Paraopeba, Ano XXXIIX, Num. 2.073, 23 jan. 1949. Disponível em: <<http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=830232&Pag Fis=1585&Pesq=Joaquim%20Pinto%20Lara>>. Acesso em 16 dez. 2014.
- GUGLIELMELLI, Zélia A. Morro do Ferro, 07 jan. 2015. Arquivo digital mp3 (18 min.). Entrevista concedida a Tássio T. M. Resende.
- PAULA, Antônio D. São Tiago, 18 dez. 2014. Arquivo digital mp3 (53 min.). Entrevista concedida a Tássio T. M. Resende.
- RESENDE, Tássio T. M. Entrevista coletiva concedida por: Lúcia Lurdes Lara, Lucilla Letícia Lara, Tiago Adão Lara. São João del-Rei, 16 mar. 2015. Arquivo digital mp3 (60 min.).
- SALES, Francisco Z. Credo de São Bernardo. Acervo Lira Imaculada Conceição, São Tiago. Manuscrito copiado por Francisco Zeferino de Sales, 04 abr. 1940.
- SANTIAGO, Antônia G. São Tiago, 13 nov. 2014. Arquivo digital mp3 (48 min.). Entrevista concedida a Tássio T. M. Resende.
- TEIXEIRA, Marlene C. São João del-Rei, 25 fev. 2015. Arquivo digital mp3 (11 min.). Entrevista concedida a Tássio T. M. Resende.
- VIVAS, Dircéia Gaudêncio de Moraes. São Tiago, 23 abr. 2015. Arquivo digital mp3 (10 min.). Entrevista concedida a Tássio T. M. Resende.

## NOTA DA REDAÇÃO S&S - JOSÉ RIBEIRO DA SILVA (Zé Ribeiro)

Segundo informações orais – e que aqui apenas reproduzimos - José Ribeiro Silva, como era conhecido, foi um excepcional músico e compositor são-tiaguense. Utilizava o nome artístico ou pseudônimo de Cajussi, desconhecendo-se as razões dessa escolha. Era irmão do sr. Dico, também músico de renome e sogro do sr. Mário Capim. Pai do sr. José Ribeirinho, antigo comerciante local e ainda do cidadão de apelido “Mexicano” e irmão de D<sup>a</sup> Trindade, esposa do sr. José Hemetério Mendes.

O destino de sua obra é um enigma. Sabe-se que teria deixado dezenas (fala-se até em centena) de composições, música popular e de salão - valsa, guarânia, mazurca etc. - e que, na prática, desapareceram. Versátil, compunha arranjos, improvisações, a partir de peças ou partituras já conhecidas e consagradas. Era ele visto pelas ruas e botecos da época, em especial naqueles que tinham aparelhos de rádio, lápis e papel na mão, rabiscando notas, compondo. Apreciava muito os programas musicais de rádios do Rio de Janeiro, como a Nacional, Mayrink Veiga, Rádio Clube do Brasil, Tamoios etc., onde se apresentavam grandes cantores da época. Talvez familiares ainda vivos, como filhos do sr. Mário Capim, portanto seus netos ou mesmo descendentes do sr. Altino Mendes, outro grande músico local, poderiam prestar alguma informação a respeito (sobre o paradeiro de sua obra) Sabe-se ainda que era membro de grupos de teatro em nosso meio na década de 1920, dentre eles o “Grupo Teatral Santiaguense”. Eis o que ouvimos.

Circula ainda a versão de que, a seu pedido ou por decisão de familiares, toda – ou partes - de sua obra (partituras) foram colocadas em seu caixão, quando de seu falecimento e dessa forma, levadas, para sempre, à sepultura.

Outro importante músico local, residente no bairro Cruzeiro, segundo nos foi afirmado, dias após o seu falecimento, ai pela década de 1960, inúmeros sacos de lixo foram vistos, à porta de sua residência. A família, simplesmente, jogara fora, perdendo-se em definitivo, todo o acervo deste notável músico e cidadão.

A outro compositor local, sr. Anysio Moraes, é atribuída a autoria da valsa “Data Feliz”, datada de 11/02/1938, em homenagem ao Pe. José Duque de Siqueira, aniversariante naquele dia.

Outro músico e copista mencionado pela oralidade é o sr. Francisco Messias do Nascimento. Merece atenção o sr. José Mendes Filho, sobrinho dos também músicos, os irmãos Altino e Braulino Mendes, a quem se atribui composições, dentre elas valsas.

Ficam os registros.

# A expedição de Inácio Correia Pamplona de São João del-Rei a Patrocínio e sua passagem por nossa região no ano de 1769

Sabe-se que, até inícios do séc. XVIII, os “cataguás” habitavam consideráveis extensões do território mineiro, então conhecido como “Campos Geraes dos Cataguases”, desde o sul, o centro oeste e extensas áreas dos vales do Rio das Mortes, Rio Grande, Rio das Velhas e Rio S. Francisco.

Com a procura de minerais e a posterior descoberta de ouro nos sertões – os “mananciais afortunados de Goiás” – inúmeras expedições, como as dos paulistas Bartolomeu Bueno da Silva (o Anhanguera) e Fernão Dias Paes, este mais ao centro, adentraram os ínvios territórios. Um verdadeiro formigueiro humano, numa grande marcha para o Centro-Oeste, formada por aventureiros de toda ordem, buscando sofregamente chegar às cobiçadas jazidas.

Iniciativas do Governo Colonial, então, de proibir a abertura de caminhos e coibir o trânsito, deslocamento de pessoas, colocando registros em locais estratégicos, não surtiram efeitos satisfatórios. Impossível - dada a grande extensão geográfica, a topografia complexa as distâncias - controlar a ação de mineradores, contrabandistas, posseiros, sonegadores, muitos deles réprobos, fugitivos da justiça e inimigos da Coroa. “A economia mineradora irradiava sua influência por quase todo o território da colônia, por mais que as autoridades metropolitanas procurassem encaminhar o ouro por um só escoadouro” esclarece Paul Singer (“Desenvolvimento econômico e evolução urbana”, S. Paulo, Ed. Nacional, 1974, pág.201). O mesmo autor adianta-nos, de forma lúcida: “É preciso considerar que, ao lado da atividade no setor de mercado interno (mineração), se desenvolveu um amplo setor de subsistência (lavoura e pecuária) no território do atual Estado de Minas. Esse desenvolvimento não se deu apenas após a decadência da mineração, porém durante o seu apogeu e, em parte, condicionado por ele” (op.cit. pág.202). Para abastecer as populações mineradoras, exigia-se produção de víveres - o que ocorreu gradualmente com a instalação de estâncias, engenhos e fazendas - e seu transporte, por muares, até os núcleos de mineração.

Em 1736, o Governo da Província de Minas optou pela abertura da “Picada de Goiás”,<sup>(1)</sup> sendo governador, à época, Gomes Freire de Andrada. Em 23/03/1737, foram concedidas as primeiras sesmarias<sup>(2)</sup>, sendo registrados inicialmente três sesmos: I - o de Roque de Souza, no termo “Almas” entre São João Del-Rei e o atual município de São Tiago; II - o de Manoel Alves Gondim em Bom Sucesso e III - o de Manoel Martins da Barra no local “Mandassaia” em Oliveira. Pelas trilhas da “Picada”, ante as notícias de grandes descobertas de ouro em Goiás, um mar de aventureiros, ondas humanas se formavam, ininterruptamente. Comboios de escravos, cargueiros com todos os tipos de mercadorias (bugi-gangas, cereais, armas, mantimentos em geral, sal etc.), boiadas, tropas, viandantes de todas as eiras e beiras a sulcarem, ávidos, as rotas que demandavam os sertões.

Até 1748, Goiás era simples comarca da Província de São Paulo. Nesse ano, foram criadas as Províncias de Goiás e Mato Grosso. O Governador Gomes Freire tentou, em 1759, anexar a região do Triângulo, então pertencente à Capitania de Goiás. As expedições de Inácio Correia Pamplona, em especial as de 1766 e 1769, indo até as nascentes do Rio S. Francisco e às minas de Goiás, teriam, na verdade, segundo estudiosos, o objetivo de justificar a incorporação do Triângulo (Sertão da Farinha Podre) à Província de Minas. Pamplona recebera, na verdade, autoridade sobre o chamado “Sertão de Minas”, território que incluía grande

parte da Bacia do Rio Grande, indo até o Triângulo Mineiro. Ficaria conhecido e temido, para tal recebendo diversos títulos, como “Mestre de Campo”, “Guarda Mor”, “Regente e Chefe da Legião da Conquista do Campo Grande e Picada de Goiás”, “Desbravador dos sertões do Alto São Francisco”, “Caçador de índios e quilombolas”, em suma um dos homens mais ricos, poderosos e arditos do Brasil Colonial.

Pela vastidão de suas terras e poderes, a romperem os sertões, seria aclamado como um semideus, um triunfante guia guerreiro, um herói quase mitológico. Um potentado tropical. Seu imenso patrimônio, concebido à custa de escusos negócios com as autoridades da Corte na Colônia, pilhagens de terras, protelação de dívidas, se dissolveria, dados os ataques frequentes de índios e quilombolas, deserções de escravos, pobreza dos moradores, carência de recursos materiais e humanos para investimentos, o incremento do povoamento e produção em tão amplo território.

Em 1765, na segunda entrada para o Oeste de Minas, o Mestre de Campo Inácio Correia Pamplona<sup>(3)</sup> foi encarregado pelo Governo da Província para pesquisar minérios na região e dizimar índios cataguás (araxás) e ainda calhambolas<sup>(4)</sup>, além de encaminhar pessoas para o cultivo das terras e a criação de gado. Em 1767, foram concedidas 20 novas cartas de sesmarias aos desbravadores do Oeste. Inácio Pamplona obteve a do Desempenhado (atual Bambuí), na região do S. Francisco. Vários parentes de Inácio Pamplona foram igualmente aquinhoados com sesmarias, como seus filhos Inácio Pamplona Corte Real; Simplicia Correia Pamplona; Bernardina Correia Pamplona casada com João José Correia Pamplona e doadora do patrimônio de Porto Real do São Francisco (hoje Iguatama) e outros que deram origem à família Paim Pamplona, daí surgindo, dentre outros, o Município de Pains. Consta que o seu patriarca (família Paim) foi José Paim Pamplona, proprietário da sesmaria do Cedro, antigo nome de Pains.

(1) Os historiadores divergem quanto ao local de início da “Picada de Goiás”, uma das mais importantes artérias de desenvolvimento da Província de Minas, nas proximidades de São João del-Rei, (alguns autores sugerem S.Gonçalo do Amarante, outros Ibitutinga, às margens do Rio das Mortes) dali passando pelas atuais localidades de Ritópolis, São Tiago, Morro do Ferro, Oliveira, São Francisco de Paula, Camacho, Arcos, Formiga, Iguatama, etc. Sugerimos, a esse respeito, a leitura da obra “Ao longo da Trilha – lembranças da infância de Minas”, autoria de Ariosto da Silveira, Ed. Autor 2004

(2) Sesmarias – Waldemar de Almeida Barbosa (in “A decadência de Minas e a figura da mineração”, Ed, UFMG, 1971, pág.44) esclarece que a légua de sesmaria correspondia a 6,6 km<sup>2</sup>; a légua quadrada correspondia a 43,56 km<sup>2</sup> ou 43.560.000 m<sup>2</sup>. A sesmaria correspondia a 9 léguas quadradas, equivalente a 392.040 km<sup>2</sup> ou 8.100 alqueires mineiros ou 39.200 hectares.

(3) Inácio Correia Pamplona comandou várias expedições aos sertões do Centro Oeste e Triângulo em 1765, 1769, 1773 e 1781. A expedição de 1769, por ele liderada, passou por terras do atual Município de São Tiago, (Rio do Peixe, cabeceiras do Rio Jacaré, Ouro Fino), divisas com os atuais municípios de Resende Costa, Oliveira e Passa Tempo. (Ver Box na página 10).

(4) Calhambolas – termo utilizado no período do Brasil escravagista para designar escravos fugidos, que, sem meios de sobrevivência, vagavam pelo interior do imenso País. Maltrapilhos, de aparência rude, vivendo em matas ou locais de difícil acesso, tornavam-se, em sua maioria, salteadores, violentos, utilizando-se da noite, para invadir propriedades



rurais e povoações, violentar, raptar, roubar mantimentos, armas, roupas, animais de que necessitavam para sua sobrevivência. Com o tempo, o termo passou a ter também a conotação de “zumbi”, duende, ogro noturno com que se assustava crianças, pessoas crédulas, compondo ainda hoje nosso folclore.

O termo “calhambola” aparece mencionado oficialmente pela 1ª vez no Alvará de 03/03/1741, apresentado ao Rei de Portugal, no sentido

conceitual de “quilombo”. O dicionário registra inúmeras variantes da palavra (canhambora, canhambora, caiambola, canhambola) e que aparecem consignadas em nossa literatura, como nesse exemplo “E cada canhambora moribundo / de venta larga e pé chato / pingando sangue pelo corpo / era uma noite humana, a quem o relho / do capitão do mato / estrelou de vermelho” (Cassiano Ricardo, “Martim Cererê”, pág.44).

## DADOS BIOGRÁFICOS

Inácio Correia Pamplona, um dos mais controvertidos vultos do Brasil Colonial, nasceu em 1731 na Ilha Terceira, bispado de Angra, nos Açores e faleceu em 1810 em Matozinhos<sup>(1)</sup>.

Foi comerciante, fazendeiro, militar, expedicionário e mestre de campo, ficou mais conhecido, porém, como um dos que delataram Tiradentes e companheiros da Inconfidência Mineira<sup>(2)</sup>. Proprietário de várias fazendas, de nomes Glória, Mendanha e Capote, em áreas que hoje abrangem os municípios de Lagoa Dourada, Carandaí, Prados e Resende Costa. Viria a ganhar do Governo Português cerca de 8 sesmarias pelas “conquistas” de Bambuí e Campo Grande, todas elas vendidas por ele ainda em vida ou doadas. Era filho de Manoel Correia de Melo e Francisca Xavier de Pamplona. Casado com Eugênia Luísa da Silva, mulata a quem conheceu no lugar “Passagem”, próximo a Mariana, (era ela filha de Teresa Francisca Santarém, uma negra forra da nação Mina, oriunda da Bahia e de Eugênio Luis da Silva) com quem Inácio Pamplona teve os filhos Simplicia, Rosa, Theodora, Inácia, Bernardina e Inácio Correia de Pamplona Corte Real (Pe). Bernardina viria a se casar com João José Correia Pamplona; as demais filhas e ainda sua sobrinha Bernarda mandou enclausurá-las no Mosteiro de Macaúbas, em Santa Luzia (MG). Foi comerciante no Rio de Janeiro, abastecendo de mercadorias Vila Rica e São João Del Rei. Passando a residir em S. João Del Rei, foi Cobrador do Contrato das Entradas do Tejuco, ao lado de José Álvares Maciel, entre os anos de 1759 a 1761.

Chefiou, conforme já afirmado, várias expedições aos sertões, (1ª delas em 1765; a 2ª em 1769, motivo aqui de nossos comentários e ainda em 1773 e 1781), por ordens e a serviço do Governo Colonial (ainda que sob a rubrica de “às próprias expensas” de Inácio Pamplona), à época do Governador José Luis de Menezes Abranches Castelo Branco e Noronha, Conde de Valadares, dentre elas a da destruição do Quilombo do Campo Grande, na região de Bambuí (1784) e de várias aldeias indígenas. A missão de “civilizar”, mencionada em documentos de então, significava, em termos práticos, limpar a área ocupada por quilombolas, indígenas, vadios, tornando a região habitável e produtiva. Meras cortinas de fumaça. Semântica colonizadora. Eram, via de regra, expedições de extermínio, de barbárie, de ocupação territorial (inclusive a de incorporação do Triângulo Mineiro à Província de Minas, ainda que “por baixo dos panos”), aniquilando-se a quem oferecesse resistência ou não caísse na graça dos figurões a serviço da Metrópole, ainda que legítimos os posseiros e proprietários. Sabe-se que toda a região, à época das expedições, era já bastante povoada e ocupada, sendo os ocupantes, em sua maioria, grilados e espoliados por Pamplona e seus lugares tenentes.

Os feitos e registros militares de Pamplona são contestados por historiadores. Estudos mais recentes comprovam que os seus relatos quanto ao combate aos índios araxás e ao Quilombo de Pai Ambrósio – oficialmente o objetivo da expedição - são falaciosos, jactanciosos e inverídicos (ver a este respeito, a obra “Quilombo do Campo Grande – Ladrões da História”, autoria do historiador Tarcísio José Martins, Ed. Santa Clara, 2011). Estudiosos e intérpretes do Brasil Colônia dizem que o objetivo real da Marcha comandada por Pamplona em 1769 era a invasão e o empossamento do Triângulo, então pertencente à Capitania de Goiás, conforme determinação (obviamente não escrita) do Conde de Valadares, que agia por trás das cortinas e ainda o levantamento de jazidas e riquezas minerais. As terras pretensamente “colonizadas” por Pamplona (hoje a região de Pitangui, Bambuí, Pium-i, Patrocínio etc.) eram já amplamente habitadas e trabalhadas por sesmeiros, vários deles devidamente legalizados, e muitos foram expulsos e esbulhados por Pamplona.

Pamplona era homem obstinado em resolver pendências judiciais, prender criminosos, processar outros, matar inimigos, fossem quilombolas, indígenas, mesmo brancos. Em suas correspondências e relatórios ao Conde de Valadares e mesmo ao Rei, sempre o faz de forma lisonjeira, bajuladora às autoridades, colocando-se à honrosa disposição da Coroa, mas não deixando de solicitar favores, incluindo títulos nobiliárquicos.

(1) Faleceu em sua chácara denominada “Palestina”, em Matozinhos (S. João Del Rei), em 1810, aos 79 anos. Alguns autores, porém, mencionam Prados como local de seu falecimento. Sepultado no Cemitério do Carmo, em São João del-Rei. Seu testamentário foi seu filho o Pe. Inácio Pamplona, que, por sua vez, deixou descendência, algo comum aos eclesiásticos de então (Ver “Memória Histórica de Prados”, autoria de Dario Cardoso Vale).

(2) Homem que gozava de todas as regalias concedidas pela Metrópole, o que levaria Inácio Pamplona a se envolver – e de forma tão contundente - com a Inconfidência?

Segundo historiadores, Pamplona era homem endividado, assim como Joaquim Silvério dos Reis e outros delatores, não só com particulares, mas principalmente com a Coroa, por força de contratos de entradas ou de arrematação. Era ele amigo próximo do Pe. Carlos Toledo. Vislumbrara, talvez, vitorioso o movimento sedicioso, com a extinção de seus débitos para com o Erário Português. Falhado o plano e ele próprio denunciado, optou por também delatar, aparecendo como súdito leal aos olhos dos colonizadores. De sua fazenda em Lagoa Dourada, partiu sua famosa carta, datada de 20/04/1789, dirigida ao Visconde de Barbacena, denunciando o movimento inconfidente. Seria ele o terceiro denunciante do movimento (os dois primeiros foram Joaquim Silvério dos Reis e Basílio de Brito Malheiros do Lago). Astuto, utilizando-se de vários álibis e subterfúgios, conseguiu dissimular sua participação no movimento, escapando de todas as investigações da Devassa, protegido que era pelo Visconde de Barbacena. Porém, mesmo sendo poupado de incriminação, passou os últimos 20 anos de sua vida sob o descaço e o desdém das autoridades da Coroa (o governador D. Antonio de Noronha 1775/1780, votava-lhe aberta antipatia) e sob o peso de imensas dívidas que lhe consumiram grande parte da fortuna. Acabou inocentado de participação na Inconfidência, como outros portugueses, por força da proteção escancarada e descarada do Visconde de Barbacena e de subornos. Da mesma forma, Barbacena, mediante arranjos processuais, falsos testemunhos, agiria em favor de outros protegidos seus, envolvidos no levante, dentre Diogo Pereira de Vasconcellos.

## A PASSAGEM DA EXPEDIÇÃO DE 1769 POR NOSSA REGIÃO

A expedição ou marcha de 1769 ocorreu entre 18 de Agosto e 27 de Novembro, num total de 3 meses e 9 dias. Compunha-se de cerca de uma centena de homens, vários deles cavaleiros, aventureiros sem dívida, com 42 bestas de cargas e dezenas de cavalos sobressalentes, além de fardo armamento (espingardas, clavinas, facões, patronas, pólvora, chumbo, munição) e 58 cativos. Objetivo oficial; a destruição de quilombos<sup>1</sup>. O escrívão da Expedição utilizou-se, em seus relatos, de 2 documentos descritivos: Diário e Mapa-Roteiro, este contendo nomes de locais (topônimos). Acompanhavam a expedição, além dos cavaleiros e escravos, inúmeros músicos que tocavam viola, rabeca, trompa e flauta (Pamplona gostava de festas vulgares, caçadas, tertúlias literárias, jantares faustosos), um cirurgião, um capelão.

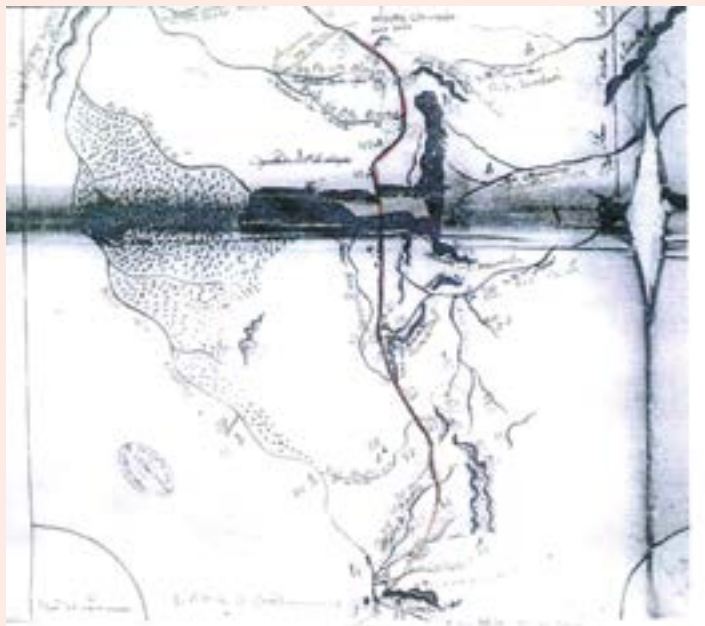
A companhia militar partiu da Fazenda do Capote, no atual Município de Lagoa Dourada, então propriedade de Inácio Correa Pamplona em 18 de Agosto de 1769 (Ignácio Pamplona era proprietário igualmente, na região, da Fazenda do Medanha, com terras em L. Dourada e Carandá e da Fazenda Matozinhos, onde viria a falecer em 1810) Parte da tropa era oriunda de São João Del Rei. No dia 19 de Agosto de 1769, a expedição se arranchou na Fazenda dos Cataguases, próxima à Capela do Mosquito, no atual Município de Cel. Xavier Chaves, de propriedade do Rev. João da Costa Rezende, irmão do Capelão da comitiva, o Pe. Gabriel da Costa.

Dia 20 de Agosto, a comitiva acampou na propriedade do Cap. Francisco Pinto, passando antes pela Capela de Nossa Senhora da Penha de França ou Arraijal da Lage (atual cidade de Resende Costa), daí atravessando o Rio Santo Antonio e nascentes na Serra da Galga. Dia 21 de Agosto, após marchar por 5 léguas, seguindo o rumo oeste, passaram pela Fazenda de Manoel de Araújo Sampaio<sup>2</sup>, atravessaram o Rio do Peixe, chegando ao local Ouro Fino, cabeceiras do Rio Jacaré, daí à Capela de São João Batista (atual Morro do Ferro); aí a expedição arranchou na Fazenda de Bernardo Homem da Silva, localizada de frente à Serra do Sal, a norte do atual município de São Tiago. Foi dele (Bernardo Homem) que Pamplona comprou mantimentos a serem utilizados por sua comitiva, conforme recibo do fazendeiro no valor de 137 oitavas de ouro, datado de São João Batista (Morro do Ferro)<sup>3</sup>. Dia 22 de Agosto, a companhia percorreu 6 léguas, subindo o Morro Quebra Cangalha, passou pela Fazenda de Guilherme Ferraz (Fradique), cachoeiras do Rio Jacaré e daí até a Capela de Nossa Senhora de Oliveira (hoje cidade de Oliveira)<sup>4</sup>, indo, légua e meia após, se hospedar na Fazenda de Manoel Afonso, apelidado por Manteúdo.

Pamplona implantou, segundo os estudiosos, uma "regência" nos sertões, a partir de Bambuí, com total prepotência e mão de ferro, expedindo ordens, apossando-se de terras, desbravando, esbulhando sesmeiros, legítimos proprietários, bem, como posseiros, tornando-se ele o maior sesmeiro-latifundiário, numa área de 356,400 km<sup>2</sup> de terras, de que se tem notícia no século XVIII.

Em 23 de Agosto, a comitiva moveu-se por mais 5 léguas, atravessando o Rio Lambari, barras do Rio Jacaré, em terras de Bernardo Vieira, indo acampar na Fazenda da Cachoeira, no atual Município de Camacho, divisas com São Francisco de Paula (O nome "Camacho" é homenagem a Francisco Camacho, sesmeiro da Picada de Goiás, homem de considerável cultura para a época e um dos membros ativos da expedição de Inácio Pamplona). Dia 24 de Agosto, após 3 léguas e meia de percurso, passou pela Fazenda do Coral, se aquartelando na Fazenda de Manoel Dutra, cabeceiras do Rio Santana. Dia 25 de Agosto, seguindo pelo noroeste, chegaram à Fazenda de Pedra, às margens do Ribeirão Pouso Alegre, arranchando-se em um capão de mato, terras de Tamanduá (hoje município de Itapeçerica).

Ao atravessar o Rio São Francisco, na altura de Pium-i, em 30 de Agosto de 1769, a comitiva utilizou-se de várias canoas, levando seis dias para o transporte da imensa carga que se constituía/incluía 240 kg de ferro e aço, 12 barris de vinho e 8 de aguardente, 4 de azeite e um de manteiga, além de ferragens, aparelhos de tortura (gargalheiras, anjinhos), cereais, sal, capados salgados. Em 01 de Outubro, foi finalizado o transporte do restante da bagagem (ferramentas, madeira etc.).



Itinerário da Expedição - 1769

### NOTAS

(1) O Quilombo do Campo Grande, na verdade, fora atacado em 1743 pelo Ten. Manuel Cardoso da Silva e o Alferes Sebastião Cardoso de Menezes. Já o Quilombo de Pai Ambrósio fora destruído pelos sertanistas Capitão de Cavalaria Antonio João de Oliveira e o Cap. Manuel de Souza Portugal em 1746. "Principiando a engrossar-se", ou seja voltando a ramificar-se, foi novamente atacado e debelado pelo Cap. Diogo Bueno em 1758.

Segundo o historiador Leopoldo Corrêa, o Quilombo de Pai Ambrósio ficava a norte da atual cidade de Cristais (MG).

(2) Antiga Fazenda da Galga, hoje de propriedade do Dr. Claret Cunha, no povoado da Micaela. Era, à época da passagem da expedição de Inácio Pamplona, propriedade de Manoel de Araújo Sampaio, e D<sup>a</sup> Joana de Almeida Góis e que passaria, posteriormente, para seu filho homônimo Manoel de Araújo Sampaio, casado com D<sup>a</sup> Micaela Maria Gonçalves de Araújo, batizada em Tiradentes em 13/04/1760.. (O casal Manoel/Micaela consorciou-se em 24/06/1787 na Matriz de Tiradentes). D<sup>a</sup> Maria Micaela era filha de Manoel Gonçalves de Araújo (de ascendência portuguesa – comarca de Chaves, Braga) e Tereza de Jesus e Gois. Manoel de Araújo Sampaio deixou testamento datado de 26/08/1812, da Vila do Mosquito (atual Cel. Xavier Chaves), aberto em 22/06/1816. Já D<sup>a</sup> Maria Micaela, falecida em 01/07/1841, não tendo geração, deixou, em testamento, parte de seus bens, inclusive terras, para escravos.

(3) Cap. Bernardo Homem da Silveira, um dos mais poderosos homens de negócios e latifundiários de nossa região no séc. XVIII, abrangendo terras nos hoje municípios de Oliveira (M.Ferro), São Tiago e Passa Tempo. Nasceu em 20/05/1725 em Cruz do Redondo, Vila das Lajes, Ilha do Pico (Açores), filho de João Gonçalves d'Areia e Maria da Esperança. Veio muito jovem para o Brasil, na condição de aventureiro, exercendo várias atividades (minerador, comboeiro, etc.), até formar considerável patrimônio. Casou-se em 22/11/1752 na Matriz de Prados com D<sup>a</sup> Mariana Francisca de Belém. Era ela também açoriana, nascida em 29/09/1728, em Ribeira de São Domingos, Ilha de Santa Maria, filha de José de Andrade e Maria da Conceição e que, ainda jovem, acompanhara os pais rumo ao Brasil. Bernardo Homem deixou testamento datado de 30/03/1791, da Vila de São João Batista (Morro do Ferro, onde seria sepultado) e aberto em 25/10/1798, ano de seu falecimento. Um de seus filhos foi o Pe. João Bernardes da Silveira.

(4) "...muito antes de Oliveira, nasceram São João Batista, Passa Tempo, São Francisco de Paula e Japão. É que se achavam na ordem do velho caminho de Fernão Dias, Antonio Dias e Matias Barbosa, datando de muito mais tarde o atalho de que se originaria Oliveira" (Luis Gonzaga da Fonseca, "História de Oliveira", BH, Ed. Bernardo Alvares, 1961, pág. 25)

"Em 1769, o célebre Mestre de campo Inácio Correia Pamplona, com uma poderosa força de cento e vinte homens armados, quarenta bestas de carga e trinta de transporte, estabelecendo uma de suas companhias em Oliveira, sob a chefia do Cap. João Antonio Friaça ou Fuoça, descarregou sobre os quilombos ainda sobreviventes um tal ataque, que conseguiu, de vez, arrancar-lhes das mãos, todo o Oeste, inclusive as conquistas do Campo Grande e Picada de Guayaz" (Luis Gonzaga da Fonseca, op. cit. pág.39)



# CIDADE

## Visão Biopolítica

Cidade não é só o físico, o econômico, o paraíso dos megainvestidores, dos políticos mancomunados com os mais escusos interesses, dos especuladores imobiliários. Cidade não é para enriquecimento de meia dúzia de espertos, sonegadores, poluidores, em detrimento e desprezo aos interesses civis, públicos, vitais, presentes e futuros de todos os seus habitantes.

É, sim, um espaço biopolítico, onde, acima de tudo, a população tem/ deve ter direito à voz, à mobilização, buscando preservar a qualidade de vida, o espaço onde se movimentar com dignidade e humanização: circular com bicicletas, passear, fazer seu cooper, utilizar-se dos logradouros públicos (ruas, praças, parques, jardins) devidamente amplos, arborizados, saudáveis. Espaços públicos podem e devem ser conjugados com iniciativas negociais, empreendedoras, autônomas, como, por exemplo, nas áreas de gastronomia, esportes, moda, eventos culturais (museu, cinema, exposições, espetáculos de danças, folclore, música, folguedos etc.).

O Direito à Cidade! Dar um basta aos interesses corporativos, de lucros a privilegiados, muitas vezes em conluio ou se sobrepondo – sabe-se lá como, porquê, em que proporções – às autoridades administrativas. Nos casos de loteamentos, a reserva de área verde (leito e margens de rios não pode, senhores!!!) Nascentes são área de proteção permanente, não podem, obviamente, ser transformadas em lotes ou nelas realizadas construções. Ruas são para trânsito de veículos, pessoas e não para pombos ou piolhos...

A sociedade tem que criar alternativa(s) à urbanização, pelo preenchimento de suas necessidades, desejos e caminhos significantes, de recuperar o espaço comum, se opor à lógica capitalista neoliberal que tudo transforma – inclusive a relação entre cidadãos e o espaço urbano – em mercadoria. Uma luta por mais espaços públicos, ambientes culturais, de lazer, de respeito ao pedestre, ao ciclista. Precisamos de movimentos sociais fortes, vigorosos, uma estrutura confederal, dizendo aos políticos e aos que detém dinheiro – usado para legal ou ilegalmente corromper as decisões políticas e predar o meio ambiente – que queremos mudar a cidade, que a queremos melhor e a serviço do bem estar coletivo.

Segundo o pesquisador David Harvey (obra “Cidades Rebeldes”), as cidades tornaram-se apenas uma mercadora, uma forma de investimentos para o capital, este preocupado tão somente com o lucro, jamais com decência, dignidade, vitalidade humana e ambiental. O cidadão acha-se cada vez mais estressado, hostilizado, alienado pelos políticos, grupos econômicos, a propaganda; tornamo-nos uma máquina para o trabalho, não sendo nunca consultados sobre os projetos de nosso interesse, em particular em nossas próprias cidades, bairros, ruas. Daí a violência, tumultos, a indignação, a humilhação coletiva.

“Devemos pensar em melhores maneiras de consultar as pessoas e elas se sentirem participantes da democracia e achar maneiras de criar novos significados em suas vidas”, sugere o pensador, incluindo-se a criação de institutos de cidadania, ONG’s, associações de bairros, de defesa ambiental, ou mesmo a vinculação a grupos religiosos, ecológicos, alternativos etc. “O direito à cidade pertence a todos e deve como movimento político ser colocado junto ao contexto de moradia, educação, saúde, cultura e unificar um programa. O que vemos hoje são alguns moldando as cidades do jeito que querem e desejam, excluindo e alie-

nando os outros da cidade”, arremata o escritor.

O urbano é o lugar de encontros, trocas, do fazer junto, viver com, entre lugares, cabendo ao cidadão, ao morador, como sujeito do espaço, se manifestar, contestar, reivindicar o padrão de cidade que ele quer. Toda cidade deve ser sinônimo de solidariedade, convívio social harmonioso, de compromissos, promessas, por que não sacralidade e por isto, os questionadores sempre foram vistos como “mal informados”, “incultos”, “perigosos”, “ultrapassados”, “subversivos”.

Tenhamos em mente que os recursos levantados pelos investidores visam ao seu próprio interesse e não, nunca ao da população. Conseguem envolver os governantes com suas falácias de “mais embelezamento”, promessas de “mais empregos”, “revitalização”, “promoção turística” etc. Interesses próprios, engodos, apenas...

O capitalismo é perverso. Só quer extrair o “mais valia”, lucros. Sabe ele que espaços comuns, verdes, como jardins, parques, praças, vias arborizadas são importantes e incisivos pontos de resistência urbana, de lazer, preservação ambiental, sociabilidade, mobilidade, locais compartilhados para reflexão, encontros, portanto opositivos ao processo de massificação e alienação promovidos pelo capital. Para este – dentro da visão pós fordiana imaterial, calcada na produção e na linguagem dos desejos – o cidadão necessita ser constantemente “dopado”, “despersonalizado”, “reinventado”. Não pode, nem deve pensar... Daí a ganância em se ocupar todo espaço, especular, eliminar mesmo áreas públicas, reservas ambientais, construções antigas, cenários e patrimônios históricos...

Resistência é a palavra! O verde é um direito comum inalienável, essencial à vida urbana, às nossas praças, parques, jardins, reservas ecológico-ambientais, ao lado de espaços culturais, de entretenimento e convívio social. Área e espaços verdes são, ademais, grandes aliados da saúde individual e coletiva, pois caminhadas, práticas de esportes melhoraram a capacidade cardiovascular, respiratória e óssea; reduzem riscos de ataques cardíacos, auxiliam no bem estar físico, emocional, mental, diminuindo índices de ansiedade, estresse, depressão; ajudam no processo de socialização, no contacto, encontros e diálogos entre pessoas das mais diferentes faixas sociais e/ou etárias. Se nascemos e vivemos na cidade, por ela devemos lutar como uma construção democrática, comum, cotidiana do espaço e da Lei!

## SUGESTÕES

Sugerimos, com a maior modéstia possível, dada a complexidade técnico-legal-social do assunto, em especial às autoridades/podere s constituídos do Município (executivo/legislativo) algumas providências quando da tramitação de projetos que envolvem o uso do espaço urbano: (abertura de ruas, loteamentos, demolições de prédios de valor arquitetônico ou histórico etc.).

- Um estudo aprimorado dos casos apresentados, lembrando ser fundamental a existência de Plano Diretor, Plano Urbanístico etc.
- Promover audiências públicas, com bastante divulgação – ouvir autoridades, e em particular os moradores, obviamente os maiores interessados.
- Munirem-se de assessoramento/consultoria de arquiteto urbanista, engenheiro ambiental, historiador, etc.
- Acompanhar as orientações de órgãos como o Ministério Público, uma das mais conceituadas, respeitáveis e patrióticas Instituições do País, sumamente afinadas com os interesses da sociedade e da Nação: do Instituto do Patrimônio Histórico e Geográfico, órgãos ambientais etc.
- Ouvir órgãos da sociedade civil local ou outros específicos ligados às políticas de urbanização (ex. Grupo Indisciplinar/BH, escolas de arquitetura e urbanismo, universidades regionais).

## AVES OBSERVADAS – ‘CASACA DE COURO’

Visto, na zona urbana, dia 17/10, um casal de aves “casaca de couro” (“pseudoseisera cristata”), de plumagem amarelo-ruiva, olhos amarelados, longo topete ou pimpão sobre o píleo, cerca de 21 cm de comprimento. Trata-se de um passeriforme da família Furnariidae, endêmico no Nordeste do Brasil, habitando, porém, partes do Estado de Minas Gerais.

Seu canto é alto, estridente, em que o casal, comumente, canta em dueto. Alimenta-se de frutas e insetos, construindo seus ninhos com gravetos. Recebe, no meio sertanejo, vários outros nomes: carrega madeira (BA), João de Moura, João Pimpão, etc. Jackson do Pandeiro gravou bonita canção nordestina, autoria de Rui Moraes e Silva, na qual descreve, com precisão, os hábitos dessa popular ave.





# UM POUCO DE HUMOR...

Fazendeiro muito conhecido na região. Homem trabalhador, hospitaleiro, propriedade farturenta, produtiva. De sua gleba e granjas saíam suínos, aves, ovos leite, queijos. Bom plantel de gado holandês. Toda a produção a abastecer a cidade ali nas adjacências.

Eis que, de repente, o fiscal bate-lhe a porta. Bater, não. Adentra, irrompe porteiças. Narinas fagueiras, ar superior, áurea divina, não dá a mínima para os empregados e familiares que o recepcionam. Informa com toda majestade, sequer sem cumprimentar, ao proprietário ali em roupas de serviço e a quem apresenta um belo, fornido crachá com os timbres oficiais.

- Sou fiscal e com instruções de fiscalizar toda a propriedade.  
- Muito bem (Poderia até mesmo dar-me um bom dia, pensa o laborioso proprietário). O que o sr quiser, precisar, estamos às ordens. E ainda onde o sr. desejar ir...

- Problema meu. Como fiscal, faço aqui o que quero, vou onde quero. A Lei me dá total direito... Isto aqui (torna a exhibir o crachá) é um abre-te sésamo. Escancara qualquer porta, qualquer resistência... Enquadra qualquer "nêgo"...

- Gostaria, porém, se V. Ex<sup>a</sup> me permitir, dar-lhe um conselho...

- O quê?! Um conselho a um homem da lei, como ousa?!

- O sr. não deveria ir ao curral, não...

- Então, é isso... Lá é que o sr. tem suas maracutaia... Pois é prá lá que estou indo...

Assim o fez, dirigindo-se, incontinenti, em direção ao curral.

As instalações da propriedade, diga-se de passagem, eram simples, porém funcionais. Currais todos cercados, estábulos bem estruturados, barracões modernos, ordenha mecanizada, silos cheios, 25 a 30 vacas holandesas em lactação, piquetes para bezerros, biodigestor irrigando a pastagem verdejante. Já o boi, um holandês de seus quase dois anos, corpanzil de por, impor respeito, de pouca conversa, estranhador, pegador, bom de briga, proprietário e peões ali se cuidavam, toda cautela no trato com o "Tira-Prosa", assim o seu nome.

Pessoal ocupado com seus afazeres, agindo, produzindo, contribuindo com seus esforços para colocar alimentos na mesa da população, gerar divisas com exportações do campo, desenvolver o País.

Dali a pouco, alvoroço geral. Gritos, correrias, tropel de reses. O conhecido bufar do "Tira Prosa". Pedidos de "socorro", "acudam" e o fiscal, a toda brida, ofegante, buscando fugir ante a fúria do boi. Cena hilária, tragicômica. Ao passar próximo ao fazendeiro (que estava a cuidar da granja de aves e fora alertado para o barulho dos lados do curral), o homem exclama:

- Segura esse boi...

- Falta de aviso, não foi... Mas é fácil, meu amigo. Mostra prá ele o seu crachá...Diga-lhe que é fiscal, que o senhor é do governo...



## NOITE DE NATAL

Noite de Natal. As passadas dos peregrinos adentram  
as estrelas  
Paira a estrela de Belém nos céus, nos corações extenuados  
Olhos fixos buscando Luz!

Noite da Criança cósmica, eterno presente de Deus ao planeta  
exílio  
E brota, fúlgida, a chama na estalagem milenar!

Noite em que os Herodes sentem estranho temor  
e insegurança

Noite em que reis chegam, após estafante viagem,  
através de desertos, para reverenciar o Nascituro

Noite em que ovelhas e pastores se congregam, contritos,  
ante o Cordeiro do Senhor

Noite da pequenina Belém, humilde entre as aldeias,  
gloriosa diante do Trono Celeste

Noite em que estrelas movem-se nos céus, indicadoras  
de sublimes caminhos

Noite do Salvador  
Noite de Luz e Amor  
E de Hosanas ao Cordeiro!

12.67 / JPO

A Redação do Boletim Sabores & Saberes  
deseja a todos um Feliz Natal e um Ano Novo de Paz, Saúde e Realizações!